

O PORTUGUÊS NO UNIVERSO ISLÂMICO

Prof. Fernando Ozório Rodrigues

1 — Considerações iniciais

Gonçalo Fernandes Trancoso, escritor português do século XVI, é o autor da obra “Contos e histórias de proveito e exemplo”, cuja 1ª edição data de 1575.

A obra está dividida em três partes, com a seguinte distribuição: 1ª Parte: 20 contos; 2ª Parte: 11 contos; 3ª Parte: 10 contos. Na 1ª edição, de 1575, só foram publicadas as duas primeiras partes. A 3ª Parte aparece na primeira publicação completa da obra, feita em 1595.

Além dos “Contos”, Trancoso escreveu ainda uma “Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudáveis que vem no ano...”, publicada em 1570.

Pouco se sabe sobre a vida deste escritor, além do que ele mesmo nos informou no “Prólogo à Rainha nossa Senhora”, dedicatória com que introduz os “Contos”. Presume-se que tenha nascido entre 1515 e 1520 e que tenha falecido mais ou menos em 1585. Abalado emocionalmente pela perda de vários familiares durante a epidemia de peste que se abateu sobre Lisboa em 1569, resolveu escrever as histórias para fixar a sua imaginação numa atividade e, com isso, superar o sofrimento.

Trancoso é hoje um escritor praticamente desconhecido. Dificilmente uma obra de história da literatura portuguesa ou uma antologia de autores portugueses fazem referência a seu nome ou citam os seus textos. Mas até o século XVIII os “Contos” foram a obra da literatura portuguesa que mais reimpressões conheceu, num total de 17 edições.

As suas histórias de cunho popular, versadas em linguagem simples bem próxima do coloquial; a sua maneira própria de narrar, como se estivesse conversando com o leitor; bem como o conteúdo religioso-moralizante de seu texto tornaram-no um escritor acessível a todos os leitores, chegando a ser aproveitado, inclusive, para as aulas de catequese, de iniciação religiosa e de bons costumes.

O que se tem do autor, hoje, é uma visão folclórica, um contador de histórias inverossímeis, recontadas em muitos lugares do interior, no Brasil principalmente no Nordeste, de gerações para gerações.

O nosso interesse pelo autor e sua obra decorreu de orientação que recebemos quando cursávamos a pós-graduação na Universidade Federal Fluminense. Fazendo um levantamento das edições antigas e recentes da obra e tendo em mãos um fac-símile da edição de 1575 do único exemplar existente, pertencente ao acervo da Biblioteca da Universidade Católica de Washington, pudemos constatar as muitíssimas incorreções e alterações no texto original, o que nos estimulou a propor um projeto de pesquisa que consistisse no estabelecimento do texto crítico dos "Contos".

Dentre as muitas lacunas das reedições dos "Contos", estão os contos X da 1ª Parte e os contos VII e X da 2ª. Justamente o X da 1ª e o X da 2ª são os que situam o português no universo islâmico, objeto desta comunicação.

Os dois contos referidos formam uma sequência de histórias em que se envolvem os mesmos personagens e que apresentam um perfil ideológico comum. Lamentavelmente o terceiro conto do que seria uma trilogia perdeu-se por completo. Ao final do conto X da 2ª Parte, o narrador remete o leitor para o conto sequencial da trilogia na 3ª Parte, mas a história não é encontrada. Provavelmente os mencionados contos terão sido eliminados da edição de 1595 por força da censura eclesiástica.

2 — Cristãos e islâmicos na perspectiva de Trancoso

Como se referiu, os "Contos" deixam claro o compromisso permanente do autor com a fé católica e, conseqüentemente, com os valores da tradição cristã: a caridade, a lealdade, a disponibilidade, a humildade, a castidade, a honestidade e o perdão, virtudes sempre praticadas para que se alcance o bem maior, o Paraíso.

Além disso são valorizados os procedimentos determinados pela experiência e pela sabedoria, desde que com fundamento na fé cristã.

Assim, os bons, os sábios, os que praticam as virtudes ensinadas nas Sagradas Escrituras são sempre vitoriosos. Aos vilões, aos inimigos da fé e aos descomprometidos com as virtudes cristãs cabe a miséria, a desgraça e a morte.

O personagem lusitano de Trancoso, introduzido no espaço de cultura e religião árabe, no Norte da África, tem um motivo extremamente nobre para essa incursão: sendo viúvo, deseja casar uma filha donzela honradamente, mas o jovem que se dispõe a recebê-la como mulher exige três mil cruzados em dote, e, como não possui tal quantia nem meios de obtê-la, propõe ao futuro genro que o leve ao Norte da África para ser vendido como escravo a um rei mouro, justamente pelo valor do dote. Apesar dos protestos da filha e do futuro genro, consegue convencê-los e realiza seu intento: torna-se escravo, mas a filha está casada.

A nobreza do gesto inicial vai dar a tônica do caráter superior do personagem, como uma luz divina a acompanhar-lhe os passos no espaço do mundo pagão, onde, conforme se vai observar no transcurso das narrativas,

realiza proezas incríveis que vão lhe render a liberdade, uma sólida amizade com o rei mouro, muita riqueza e uma vida feliz junto à família.

No conto X da 1ª Parte, as qualidades referidas, sua sabedoria e lealdade, vão permitir-lhe dois atos excepcionais. Vendido como pessoa entendida em negócios de pedras preciosas, exímio domador e criador de cavalos, além de experiente conhecedor do caráter dos homens, o nosso personagem português, primeiramente, conseguiu salvar parte considerável da fortuna do rei e, posteriormente, a própria vida do soberano. Salva a fortuna do rei ao revelar que um anel com uma pedra olho de gato que estava sendo vendida ao rei, literalmente a peso de ouro, era, na verdade, olho humano disfarçado, cuja ambição é incontrolável, pois quanto mais vê e tem mais quer.

No outro episódio, evita que o rei corra risco iminente de vida ao impedir que monte um cavalo, cuja beleza encheu-lhe os olhos, e que, por isso, desejava comprar. Na verdade, tratava-se de um porco montês, cujos instintos o levariam a espocar-se na água e agredir até à morte quem o estivesse montando.

As duas situações foram provocadas pelo mesmo vilão que, é claro, foi condenado à morte.

No conto X da 2ª Parte, o lusitano, já em companhia do neto adolescente, salva o rei de ser preso e morto por um grupo de corsários liderados por um personagem identificado como irmão do condenado na história anterior, de cuja morte pretende vingar-se.

Misturam-se aí fantasia e tons de magia negra, fatos que, provavelmente, terão estimulado a ação da censura eclesiástica ao eliminar essa sequência de histórias da edição de 1595.

Relata-nos o narrador que, estando o rei a praticar a caça em companhia de súditos, saiu a perseguir um veado de enormes proporções, após desferir-lhe uma lança sem, entretanto, acertá-lo. O veado parte em velocidade e o rei em seu encalço, sempre a uma distância que, não sendo possível alcançá-lo, não se perdesse o estímulo da perseguição. A certa altura, num lugar já distante dos companheiros de caçada, irrompe um leão no rastro do veado, em alta velocidade, alcançando-o logo em seguida e ferindo-o mortalmente. Neste local, já próximo ao mar, surge um grupo de homens em socorro do veado que, após espantar o leão, prende o rei, dando-se conta este de ter caído numa armadilha. Os estranhos amarram o rei na garupa do cavalo, ajeitam o leão ferido no arreio do animal e descobrem uma galé que estava encoberta por ramagens, todos aos brados, rogando pragas ao rei e desejando-lhe a morte.

Nisso, de surpresa, aparece um jovem numa montaria, solta as rédeas que prendiam o cavalo do rei e o espanta a fugir, afastando-se dos homens. Estes, receosos de os perseguir, voltam ao barco e providenciam a fuga. Em seguida o jovem leva o rei a uma tenda onde está o lusitano, seu avô, que acolhe o soberano com as honras devidas e lhe narra toda a trama de que estava sendo vítima. Revela, então, que se fez passar pelo leão e que o irmão daquele traidor da história passada, desejo de vingança, se fazia ali passar pelo veado e preparara aquela armadilha.

Muito curiosa, nesse ponto da narrativa, é a passagem do foco narrativo.

O estilo da longa narrativa do lusitano, em primeira pessoa, é o retrato fiel da narrativa em terceira pessoa. Ou seja, o narrador-autor transfere para seu personagem a sua própria individualidade e, com isso, mantém-se os traços discursivos que vão operacionalizar a linha ideológica do texto.

Interessante destacar ainda que o ato de heroísmo foi aí perpetrado a dois, avô e neto, prevendo o narrador para este um futuro de muitas realizações a partir da herança que lhe deixou aquele: riqueza, sabedoria e lealdade, fundamentados na fé cristã. Assim ficava garantida a superioridade do lusitano nas próximas gerações.

Apenas uma conquista não se realiza, pelo menos até esse segundo momento de contatos e interferências: a conversão do rei mouro, pagão. Após salvar-lhe a vida por duas vezes e tornar-se-lhe um amigo da maior consideração e confiança, o lusitano quer salvar-lhe a alma. Todavia, tem o narrador consciência de que essa tarefa é muito mais difícil. Seriam necessários talvez mais alguns atos de bravura e heroísmo. Assim, na conclusão do Conto X da 2ª Parte, a primeira abordagem neste sentido é feita: o lusitano propõe ao rei a conversão, mas este não está ainda devidamente sensibilizado. O narrador recua e remete o leitor para a continuação da história na 3ª Parte dos "Contos", em cujo enredo provavelmente o objetivo será alcançado, para a glória de Deus e expansão da fé católica, por força da sabedoria, bravura e lealdade do homem português.

Lamentavelmente o conto se perdeu.

Bibliografia

- ALI, M. Said. *Investigações filológicas*. Com estudo de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, INL/Grifo/MC, 1975.
- COUTINHO, Ismael de L. *Pontos de gramática histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- NUNES, José J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 8ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975.
- SILVA, Antônio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Fac-símile da 2ª ed., de 1913. Sob direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, s/e, 1922.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro, INL/Presença, 1979.
- _____. *Ensaio de filologia portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1956.
- _____. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956.
- TRANCOSO, Gonçalo Fernandes. *Contos e histórias de proveito e exemplo*. 1ª e 2ª Partes. Lisboa, Edição de Antônio Gonçalves, 1575.
- _____. Idem. 1ª, 2ª e 3ª Partes. Lisboa, Edição de Simão Lopes, 1595.
- _____. Idem. 1ª, 2ª e 3ª Partes. Lisboa, Edição de Jorge Rodrigues, 1624.
- _____. Idem. 1ª, 2ª e 3ª Partes. Texto integral conforme edição de Lisboa, 1624. Prefácio, leitura de texto, glossário e notas por João Palma — Ferreira. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1974.
- _____. Idem. In *Antologia portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos. 2ª ed. Paris — Lisboa — Porto — Rio de Janeiro, Livrarias Airland e Bertrand/Livraria Chardon/Livraria Francisco Alves, 1923.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1961.
- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa. *Elucidário das palavras, termos e frases*. Edição crítica por Márcio Fiúza. Porto — Lisboa, Livraria Civilização, 1962.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.